

Para a história da educação feminina em Portugal no século XVIII:  
a fundação e os programas pedagógicos das visitandinas

Zulmira C. Santos

---

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 985-1001



# Para a história da educação feminina em Portugal no século XVIII: a fundação e os programas pedagógicos das visitandinas.

Zulmira C. Santos \*

## 1. «La storia finta»

Quando, em 1863, Luís Augusto Rebelo da Silva [1822-1871] escolhia Teodoro de Almeida [1722-1804] para personagem - muito secundária, é certo - da sua novela *Lágrimas e Tesouros: fragmentos de uma história verdadeira* (1863), que romanceava a estadia de William Beckford em Portugal, tornando o viajante inglês apaixonado por D. Maria de Meneses, filha do marquês de Marialva, em quem havia encontrado uma enorme semelhança física com a esposa morta, Margarida<sup>1</sup>, reconhecia a este oratoriano, figura cimeira da nossa Ilustração, um activo papel no seio do Mosteiro da Visitação. A acção colocava Teodoro de Almeida em 1784 e apresentava-o na qualidade de responsável maior pelas Visitandinas, "onde algumas senhoras vindas [...] de Annecy, na Saboia, educam as meninas das famílias mais ilustres da corte, ensinando-lhes as prendas do seu sexo [...] os exemplos da moral mais pura instituindo-as nos deveres e obrigações do estado e condições a que o seu berço as destina"<sup>2</sup>.

Rebelo da Silva tinha escolhido justamente o ano da vinda efectiva das discípulas de S. Francisco de Sales e Joana Frémyot de Chantal que chegaram a Lisboa precisamente em 16 de Dezembro de 1783 e entraram no Mosteiro da Junqueira em 28 de Janeiro de 1784. Isto é, privilegiou o ano inicial de um projecto que não foi nem tão fácil nem tão auspicioso quanto as palavras do romancista parecem fazer crer. Mas a «história fingida» tece-se por percursos, acções, personagens que partindo da «história verdadeira» mais lhe não devem que as intrincadas e complexas relações entre a «verdade» e a «verosimilhança»<sup>3</sup>. E, desse ponto de vista, não deixa de ser curioso - embora expli-

\* Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

<sup>1</sup> L. A Rebelo da SILVA, *Lágrimas e Tesouros: fragmentos de uma história verdadeira*, Lisboa, 1863 (citei a partir da edição da livraria Civilização, Barcelos, 1969).

<sup>2</sup> Rebelo da Silva altera, por ignorância ou necessidade ficcional, a idade de Teodoro de Almeida - atribuindo-lhe 45 anos, quando, na realidade, em 1784, teria já 62 - mas fixa, literariamente, um retrato favorável, e até exemplar, do oratoriano que percorreu o século XIX paralelamente a outras imagens que nele destacaram a faceta de opositor a Pombal. (V. Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida [1722-1804]*, Porto, dissert. de dout. polic, 2001, pp. 41-221). Recordemos as palavras do romancista: "O padre Teodoro era um homem de quarenta e cinco anos, muito lido nos estudos eclesiásticos, profundo no estudo das ciências naturais, e escutado como um dos pregadores de maior fama. [...] O marquês de Pombal, por motivos que nunca transpiraram, sempre se mostrou pouco inclinado à congregação de S. Filipe de Néri, apesar da grande rivalidade declarada entre ela e a Companhia de Jesus. As desconfianças e os rigores no seu governo eram uma só e a mesma coisa. Teodoro de Almeida experimentou-o na perseguição, a que se viu exposto, e que não terminou senão com a queda do ministro. Desterrado na corte com alguns fidalgos e outros padres em 20 de Junho de 1760, e nada seguro de escapar a tão poderosas iras, mesmo coberto pela obscuridade da sua vida retirada no Porto, refugiou-se em França, aonde subsistiu dez anos das lições particulares, que deu em Baiona e depois em Auch. Voltando a Portugal em Março de 1778, recolhido na casa das Necessidades, empregou desde então o seu tempo no púlpito, no confessionário e nos exercícios da sua cadeira de filosofia. O seu refrigério, depois das fadigas de um dia laborioso, era alumiá-lo com salutareos conselhos, e animar com prudente estímulo os progressos das educandas de Belém, aonde mestras escolhidas com acerto introduziram a novidade de unir aos primores da agulha o conhecimento das línguas estrangeiras, francesa e inglesa e o ensino da música vocal" (L. A Rebelo da SILVA, *Lágrimas e Tesouros*, pp. 130-131).

<sup>3</sup> Sobre o romance histórico em Portugal v. Maria de Fátima MARINHO, *O romance histórico em Portugal*, Porto, Campo das Letras, 1999. V. ainda, para Itália, Alberto CADIOLI, *La storia finta. U romanzo e i suoi lettori nei dibattiti di primo Ottocento*, Milano, il Saggiatore, 2001.

cável - que um liberal, filho de um activo membro das cortes vintistas, olhe tão benevolmente Teodoro de Almeida que muitos, ao longo de oitocentos, viram apenas como um opositor às orientações políticas de Sebastião José de Carvalho e Melo, se bem que tal apreciação se faça pela mediação da estratégia discursiva que torna Beckford a instância enunciativa responsável por tais juízos<sup>4</sup>. Por outro lado, importará também acentuar que num contexto bastante hostil ou, pelo menos, de discussão acesa face à possibilidade de reintrodução de algumas congregações religiosas, embora, como é sabido, as instituições femininas não tivessem sofrido os mesmos reveses das masculinas, ao tempo da exclausuração, se assiste, ainda que no universo da «história fingida», à revalorização de uma ordem - as visitandinas - vocacionada para o ensino das meninas nobres. Na pena do autor de *Lágrimas e Tesouros* a casa onde ensinavam as «Salésias» não «podia ser mais alegre, mais espaçosa, nem mais cómoda e fresca». Pleno de «torrentes de luz» e de «aromas de rosas e jasmims» o lugar assemelhava-se ao «verdadeiro Éden»<sup>5</sup> e nele pontificava T. de Almeida.

## 2. A Ordem da Visitação e Teodoro de Almeida

Embora tivesse chegado a Portugal numa data já muito avançada no século e pouco propícia à instalação de novas congregações religiosas, sendo o alvará da fundação de 30 de Janeiro de 1782 e a chegada efectiva de 16 de Dezembro de 1783, como acima se assinalou, a Ordem da Visitação nasceu em Ancey, na Saboia, em 1610, sob os auspícios de S. Francisco de Sales e da sua discípula Joana Frémyot de Chantal. Rapidamente se espalhou por França, Itália e Espanha<sup>6</sup>. De acordo com investigações recentes, os anos de maior fulgor da congregação situaram-se no século XVII e o desinteresse progressivo das elites parece ter-se acentuado, sobretudo em França, ao longo do século XVIII, se bem que tal decréscimo possa ser interpretado como normal depois do movimento de crescimento inerente aos anos iniciais<sup>7</sup>. É impossível ignorar, na história da Ordem da Visitação, os anos do século XVII, mais precisamente entre 1671 e 1690, que assistiram à divulgação das revelações da visitandina Margarita-Maria Alacoque e à consequente revalorização e, em alguns aspectos, re-orientação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus<sup>8</sup>, cuja difusão muito deveu às contribuições dos jesuítas La Colombière e J. Croiset. É Teodoro de Almeida, o oratoriano responsável pela mais completa e conseguida obra de divulgação científica do século XVIII português, a *Recreação Filosófica* (1751-1800), foi simultaneamente, *epour cause*, um dos grandes divulgadores da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a que dedicou um devocionário intitulado *Entretenimentos do Coração Devoto com o Santíssimo Coração de Jesus* (Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1790), e o grande mentor da vinda das visitandinas para Portugal.

A primeira fonte impressa que relata muito sucintamente os aspectos essenciais da fundação da ordem no nosso país - e que tem servido como referência constante<sup>9</sup> - é a pequenina obra, tida como anónima, embora pertença a Teodoro de Almeida<sup>10</sup>, intitulada *Fundação da Ordem da Visitação*

<sup>4</sup> Os comentários sobre a Visitação são, no contexto da novela, alegadamente retirados de uma carta que Beckford escreve ao amigo Harri. Contudo, a opinião sobre Teodoro de Almeida expressa pelo próprio Beckford, no diário que escreveu sobre a estadia em Lisboa, revela-se radicalmente diferente, pois que o oratoriano é, entre outras considerações menos agradáveis, apelidado de «hipócrito». V. Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, pp.198-201. <sup>5</sup> L. A Rebelo da SILVA, *Lágrimas e Tesouros*, p. 131.

<sup>6</sup> V. a muito importante e informativa bibliografia sobre as diferentes casas na Europa inscrita no recente trabalho de Bernard DOMPNIER e Dominique JULIA, *La Visitation et les Visitandines auxXVIIe etXVIIIe siècles*, Saint-Étienne, C.E.R.C.O.R., 2001, pp. 555-597. Na mesma obra, Dominique JULIA, «UExpansion de l'Ordre de la Visitation aux XVIIe et XVIIIe siècles», pp. 115-176.

<sup>7</sup> Philippe SARRET, «Les visitandines d' Aurillac: le recrutement d'un ordre récent» in *Vocation d' Ancien Regime. Les gens d'Église enAuvergne* (dir. de Bernard DOMPNIER), Revue d'Auvergne (1997), pp. 73-91. Dominique DINET, «Les entrées en religion à la Visitation (XVIIe et XVIIIe siècles)» in B. DOMPNIER et D. JUUA, *La visitation et les visitandines*, pp. 177-193.

<sup>8</sup> No âmbito de uma ampla, e às vezes densa bibliografia, destaco dois títulos recentes que apresentam um quadro atualizado da questão: Mário ROSA, «Regaliti e 'douceur\* nell'Europa dei 700: la contrastata devozione ai Sacro Cuore» in *Settecento religioso. Política della ragione e religione dei cuore*, Venezia, Marsilio Editore, 1999, pp. 5-35 e Daniele MENOZZI, *Sacro cuore. Un culto tra devozione interiore e restaurazione cristiana della società*, Roma, Viella, 2001.

<sup>9</sup> Áurea ADÃO, *Estado absoluto e ensino das primeiras letras. As Escolas régias (1772-1794)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, pp. 192-194. O texto do alvará, sobretudo depois da excelente síntese de Fortunato de Almeida, tem vindo a ser cruzado um pouco indiscriminadamente com as informações da *Vida* (F. de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* (ed. prep. e dir. por Damião Peres), Porto, liv. Civilização, 1967).

<sup>10</sup> *Fundação da Ordem da Visitação em Portugal*, Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1782. V. Zulmira C. SANTOS,

em Portugal (1782). Este brevíssimo texto limita-se a reproduzir o Alvará de 30 de Janeiro de 1782, atribuindo o pedido ao P. Pedro de Carvalho, resumindo a regra e os objectivos pedagógicos das visitandinas, conferindo-lhe, desde o início, e do ponto de vista institucional, a dimensão de congregação vocacionada para o ensino de meninas nobres que, como é sabido, não acompanhou o nascimento da ordem, tendo surgido mais tarde<sup>11</sup>.

Existem, todavia, dois manuscritos que procuram historiar, desde a ideia inicial, o estabelecimento da Visitação em Portugal. E porque concedem um relevo assinalável às condições de fundação e funcionamento revelam-se fontes de consulta indispensável para um cabal conhecimento da questão, sobretudo se cruzadas com a documentação existente no Mosteiro de Anney que dispensa, essencialmente, informações de carácter económico relativas a doações, rendas e fundos. Um é uma biografia de Teodoro de Almeida, redigida com toda a probabilidade por 1830, de acordo com indicações intra-textuais, e o outro, bastante anterior em termos cronológicos - datará com toda a certeza de 1793 -, intitula-se *Historia da Fundação do Mosteiro da Visitação em Lisboa. No anno de 1784* e, tal como o título deixa supor, dedica-se integralmente ao projecto da instalação das visitandinas em Portugal.

O primeiro dos documentos referidos denomina-se *Vida do padre Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório de Lisboa, Fundador do Convento das Religiosas da Visitação de S. Maria no sítio da Junqueira, e o que mais trabalhou para de novo ser povoada a Casa do Espírito Santo da Pedreira depois de reedificada sobre as ruínas da que pelo terramoto de 1755 e incêndio que se lhe seguiu ficou destruída*<sup>12</sup> e tem vindo a ser atribuída ao oratoriano Joaquim Dâmaso [1777-1833] que foi discípulo de Teodoro de Almeida e mais tarde bibliotecário de D. João VI no Brasil<sup>13</sup>. O autor organiza a totalidade do relato de forma a demonstrar que todos os acontecimentos fulcrais do percurso biográfico de Almeida se orientaram para a concretização dessa tarefa maior que consistiu no estabelecimento da Visitação em Portugal, evidenciando as condições de instalação, as dificuldades prévias, a reunião de ámbos materiais, os objectivos, os reveses de um projecto que o oratoriano parece ter considerado a razão principal de toda a sua vida.

O segundo apresenta-se também como anónimo, embora fontes coevas e pouco posteriores o identifiquem, sem reservas, como sendo um escrito de T. de Almeida, que não deve ter chegado aos prelos por ter despertado críticas severas, cujo teor pode ser avaliado a partir dos comentários ácidos do contemporâneo Frei Alexandre da Sagrada Família que entendia que a obra tinha sido redigida com a «satisfação de um gentio»<sup>14</sup>. Apesar de se tratar, como certamente observava o tio de Garrett, de um texto disposto como um extenso louvor das actividades de T. de Almeida em prol da Visitação, a *Historia da Fundação*<sup>15</sup> revela-se um instrumento precioso para, por um lado, aceder a uma espécie de «Ratio Studiorum» abreviada, no feminino, da autoria do oratoriano, embora obviamente inspirada pelos modelos pedagógicos da matriz original, e, por outro, para penetrar nos mecanismos que levaram o autor a propor uma espécie de re-interpretação e reelaboração providencialista do próprio percurso biográfico, considerando que os acontecimentos mais marcantes da sua vida - o exílio ou, segundo outros, a fuga para França,<sup>16</sup> entre 1768 e 1778<sup>17</sup> - mais não teriam sido senão manifestações da providência divina que pretendia conduzi-lo ao contacto directo com a

*Literatura e espiritualidade*, p. 37.

<sup>11</sup> Este aspecto, aliás comum a outras congregações, tem vindo a ser equacionado pela bibliografia sobre as visitandinas. Tais estudos têm demonstrado que, por vezes por motivos de ordem económica, se foi lentamente passando de duas a quatro pensionistas, de idades entre os dez e os doze anos, para um número bem superior que foi conferindo à instituição um peso pedagógico considerável. V. Marie-Ange DUVIGNACQ-GLESSGEN, *UOrdre de la Visitation à Paris auxXVIIe etXVIIIe siècles*, Paris, Ed. du Cerf, 1994, pp. 240-244.

<sup>12</sup> IAN-TT, ms da livraria n.º 2316. Este manuscrito, aliás um exemplar muito claro e de fácil leitura, com poucas rasuras, embora com algumas alterações de caligrafia, foi transcrito por Francisco Contente DOMINGUES, *Teodoro de Almeida (1722-1804). Subsídios para uma biografia*, dissert. de mestrado pol., EC.S.H. da U.N.L., Lisboa, 1986.

<sup>13</sup> Inocêncio F. da SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973, Tomo IV, pp.75-76.

<sup>14</sup> «Espólio literário de Almeida Garrett», «Manuscritos de D. Frei Alexandre da Sagrada Família, Bispo de Angra», pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Caixa 24, Tomo 3, 2.º volume, n.º 17.

<sup>15</sup> IAN-TT, Ms. da livraria n.º 663 (integralmente transcrito em Zulmira C. SANTOS, *Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida [1722-1804]*, Tomo II, «Apêndice Documental».

<sup>16</sup> Afastado da corte desde 1760, T de Almeida vivia no Porto. Em Setembro de 1768, provavelmente impressionado pela prisão do oratoriano Valentim de Bulhões e por um conjunto de medidas pombalinas que se concentraram nessa data, foge para França,

casa-mãe das visitandinas em Annecy.

Pelo que respeita à Visitação em particular, desde a ideia primeira até à concretização efectiva do projecto, a *Vida* de Teodoro de Almeida segue *pari passu*, embora de maneira resumida e salvo em alguns pormenores do relato sem significado especial, a versão fixada por este oratoriano na redacção da «Historia da Visitação». De resto, não surpreende que assim seja, se tivermos em conta que o biógrafo de Almeida dispunha de uma cópia do texto em causa e que atribuía ao facto um peso tão relevante que o fazia figurar no título escolhido para a biografia<sup>18</sup> - «fundador do Convento das Religiosas da Visitação de S. Maria no sítio da Junqueira» - tornando este acontecimento de uma importância fulcral na interpretação providencialista da vida do oratoriano. Ao apresentá-lo assim, o autor da *Vida* mais não fazia que reiterar a interpretação que o próprio Almeida reivindicava para as vicissitudes políticas por que tinha passado, legitimando a saída do país pela cega obediência aos desígnios da Providência que o tinha conduzido para Bayonne, em França, quando tinha previamente decidido rumar à Holanda. E na cidade francesa tinha vivido justamente junto à Visitação de cujas religiosas se tomara confessor extraordinário, facto que o levava a Annecy, na Saboia, em busca do contacto directo com a casa mãe das discípulas de Francisco de Sales e Joana Frémyot de Chantal.

Não tendo nunca chegado aos prelos, a «Historia da Visitação» teve uma circulação restrita e foi escassamente conhecida ao longo do século XIX. Salvo um caso praticamente isolado, o do P. José de Sousa Amado,<sup>19</sup> que presumivelmente a consultou, as poucas citações que lhe são feitas, mesmo ao longo do século XX, parecem repetir-se, não levantando, contudo, problemas de autoria, embora manifestem desconhecimento em relação ao paradeiro de qualquer das cinco cópias existentes.

### 3. A *Historia da Fundação da Visitação em Portugal*

A «Historia da Visitação» está dividida em cinco «livros»<sup>20</sup>: «Livro 1<sup>o</sup>»: «Do que se passou na fundação antes que se partissem de Annessy as cinco fundadoras»; Livro 2<sup>o</sup>: «Da Jornada das Fundadoras desde que sahirão de Annessy, até entrarem no seu Convento de Lisboa»; «Livro 3<sup>o</sup>»: «Do Estabelecimento das Religiozas no seo Mosteiro da Junqueira até á morte de Me Bernex»; «Livro 4<sup>o</sup>»: «Do que se passou desde que foi eleita para Superiora a Me Maria Jozefa Ferrée, que acabara Assistente até se completar o numero da Comunidade»; o «Livro 5<sup>o</sup>»: «Do Seminário das Meninas. Pensionado».

A narrativa formula-se, desde o início, como uma espécie de elogio continuado à actuação de Teodoro de Almeida, apresentado como um instrumento da Providência divina que tudo organizara, mesmo o difícil e doloroso exílio, para que o oratoriano pudesse contactar directamente com a casa-mãe das visitandinas em Annecy, depois de ter conhecido o mosteiro da Ordem em Bayonne, junto do qual residiu durante a estadia em França. Por isso mesmo, o relato começa nos anos aparentemente longínquos de 1760, quando «[...] o padre Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório foi obrigado a sahir da corte por razoes politicas do Gabinete: pouco podia elle então pensar que Deus o escolhia por instrumento da sua grande obra, que não vinha então ao pensamento humano. Foi seu desterro para a cidade do Porto, donde Deus tinha determinado escolher

embora com a vontade inicial de se dirigir à Holanda onde já vivia outro exilado seu amigo, o P. Chevalier. Contudo, a *Historia da Visitação* e a *Vida* organizam-se para demonstrar a existência de uma ordem de prisão emanada de Pombal, a que T. de Almeida teria quase miraculosamente escapado.

<sup>17</sup> O oratoriano viveu sobretudo em Bayonne, onde subsistia ândo lições de Física, Matemática e Geografia. Esteve, esporadicamente, em Auch e Annecy, neste último caso na qualidade de confessor extraordinário das visitandinas.

<sup>18</sup> Na letra do biógrafo existiam cinco cópias do manuscrito: «[...] há duas copias do original, que esta na Visitação ja licenciado, huma existe na Caza da Junta da Congregação e outra he a que o autor tinha mandado copiar pelo mesmo José de Mendonça, que tinha tirado a primeira, e nós comparámos por nolla ter generosamente dado a Exm<sup>a</sup> Condeça de Belmonte pella morte da Exm<sup>a</sup> D. Leonor da Camará, aquém o P. Theodoro a tinha offerecido, e ainda havia outra que se queimou em parte, e he pena, pois na parte que se queimou, se queimarão alguns assentamentos da letra do Autor, que muito dezejavamos ter e não podemos alcançar [...]». (*Vida* § 210).

<sup>19</sup> José de Sousa AMADO «O Padre Theodoro de Almeida e as religiosas da Visitação» in *O Domingo*, n.º 51, 26.4.1856, pp.380-381.

<sup>20</sup> Permito-me remeter para o estudo detalhado em Zulmira C. Santos, *Literatura e Espiritualidade*, tomo I, «Da pedagogia e da direcção espiritual. literatura e modelos de civilidade cristã», pp.441-479.

huma pedra muito importante para este espiritual edifício»<sup>21</sup>. Este início quase incoerente e inesperado, numa «história» da fundação da Visitação em Portugal, pois que se reporta ao afastamento de T. de Almeida da corte às ordens de Sebastião José de Carvalho e Melo, mostra como o oratoriano pretendia explicar todos os reveses amargamente sofridos, como intervenções da Providência divina sobre o seu próprio destino, desenhando um percurso que, embora sinuoso, o conduziria directamente ao contacto com as discípulas de Francisco de Sales e Joana de Chantal.

Em todo o caso, o manuscrito é extremamente elucidativo face a todo o processo de vinda das visitandinas, já que, embora sob uma formulação de carácter providencialista, plena de sinais e avisos proféticos, comporta informações relevantes, explicita os apoios reunidos, sobretudo no seio da nobreza de corte<sup>22</sup>, contabiliza as quantias disponibilizadas<sup>23</sup>, relata as etapas de construção do mosteiro, transcreve as cartas trocadas entre T. de Almeida e Mme Bernex, Superiora da instituição em Annecy, preparando ávida das cinco fundadoras, e relata muito pormenorizadamente a consequente viagem até Portugal. Atribui ainda um peso substancial, às vezes até excessivo, em termos de coerência narrativa, mas talvez não tanto face aos objectivos do autor, às entradas em religião das primeiras visitandinas que em Portugal se agregaram às fundadoras, concedendo a cada caso uma longa narrativa, fértil em sinais proféticos e vitórias sobre contrariedades, organiza para relatar as circunstâncias sempre especiais que as levaram a ingressar na Visitação.

Em 1789, o catálogo de religiosas transcrito integrava trinta e nove nomes, cinco dos quais de irmãs conversas, registando como falecidas Teresa Augusta Bernex, em Novembro de 1787 e Maria Francisca Couceiro, em Fevereiro de 1788. Ao traçar o quadro complexo das vocações, a que aludi, o texto sublinha que antes da chegada das fundadoras, «muitas pessoas devotas estavam preparadas para entrarem na Visitação», mas que, com o tempo, «todas se forão desvanecendo do seu pio intento», acentuando as dificuldades sentidas nos primeiros momentos em que as visitandinas vindas de Annecy se encontraram sozinhas, durante meses, já que o primeiro ingresso teve lugar apenas em Junho de 1784. Para Teodoro de Almeida, os obstáculos sentidos mais não eram que demonstrações do embaraço que o «demónio» pretendia causar a um projecto marcado «pela Protecção da Mão Suprema».

De acordo com as informações do texto<sup>24</sup>, todas as entradas na Visitação se fizeram a custo, por doenças, faltas de dote, ausência de autorização paterna, circunstâncias que deixam entender que o sucesso esperado por T. de Almeida não foi nem fácil nem rápido. Esta leitura deve, no entanto, escorar-se em alguma cautela, tendo em conta que as «lettres circulaires» e os «Annales» dos diferentes mosteiros frequentemente documentam o recurso a estratégias - poderiam ser apenas discursivas? - de relato de acesas dificuldades que vocações seguras acabavam sempre por vencer.<sup>25</sup> No largo estendal de pormenores complicados que se prendiam sobretudo à falta de dote, sempre obviados pelas instâncias movidas pelo oratoriano, mas também a fugas e suspeitas de violência sobre o ânimo das dirigidas do P. Almeida perpassa uma atmosfera de impedimentos constantes que traduz algum mal-estar entre 1784 e 1790, pelo que respeita a estes ingressos. Pro-

<sup>21</sup> «Historia da Vizitação» in Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, Tomo II, Apêndice documental, p.5.

<sup>22</sup> Desde D. Leonor da Câmara, camarista da infanta D. Mariana, irmã da Rainha, até à Marquesa de Angeja, então D. Francisca de Noronha, à Superiora do recém fundado Convento do Sagrado Coração de Jesus, Soror Teresa de Jesus, à condessa de Óbidos, D. Helena de Lima e Lorena, e sua filha, a viscondessa de Vila Nova de Cerveira, D. Maria de Mascarenhas, até D. Mariana de Arriaga, dama de honor de D. Maria I, que conseguiu conciliar as atenções do carmelita Inácio de S. Caetano, confessor da Rainha e arcebispo de Tessalónica. V. *Historia da Vizitação* in Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, tomo II, «Apêndice Documental», pp. 14-25.

<sup>23</sup> Vinte e quatro mil cruzados de Inácio de S. Caetano, mil cruzados de uma dívida à Rainha, quantias não precisadas de D. Leonor da Câmara e D. Teresa de Arriaga, um terreno de doação do Conde da Ega. Na primeira carta dirigida a Mme Bernex, T. de Almeida escreve: «Nós temos 25 mil cruzados, que valem 62 mil libras, para completar humas cazas com huma pequena igreja, e hum jardim, e cerca. Nós temos 30 mil cruzados ou 75 mil libras para edificar o convento Regular. Nós temos huma renda de quinhentos mil reis ou quazi quatro mil libras para o fundo e os dotes das Religiosas farão o resto». (V. *Historia da Vizitação* in Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, tomo II, «Apêndice Documental», pp.27-28. A «lettre circulaire», constante dos arquivos de Annecy, refere um montante de doações reais, constituído por 22500 libras e 41000 cruzeiros (Arquivos do Mosteiro da visitação de Annecy, LC de 18 de Fevereiro de 1786), cit Dominique JULIA, «UExpansion de l'Ordre de la Visitation» in *La visitation et les visitandines*, p.154.

<sup>24</sup> Estudadas, na medida em que fornecem indicações sobre linhas de espiritualidade e círculos devotos na Lisboa da segunda metade do século XVIII, em Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, pp. 442499.

curando justificar-se, o autor aduz razões que se por um lado o mostram convicto de uma missão a cumprir, por outro fomentam a desconfiança de que o oratoriano pudesse ter exercido uma pressão excessiva sobre as suas dirigidas, na medida em que todo o primeiro grupo que ingressa até 1789 se compõe de mulheres, de diferentes idades, de quem T. de Almeida era ou passou a ser director espiritual ou confessor. No quadro das informações particulares sobre cada noviça, parece legítimo concluir que nenhuma pertencia à nobreza, situação que se manteve até 1804 e, salvo o caso não identificado mas que deverá ser o de Maria Francisca Couceiro que levou consigo quatro mil cruzados, nem sequer a extractos sociais materialmente favorecidos.

Aliás, mesmo o ensino das meninas nobres para que o mosteiro se encontrava especialmente vocacionado - nos termos do alvará «se entende muito particularmente á educação de donzelas nobres» - começou apenas em 26 de Julho de 1784, com um grupo restrito de cinco alunas e, em 3 de Dezembro de 1786, nas palavras do Marquis de Bombelles, não havia ainda «parmi elles des filies de fidalgos, ce qui serait nécessaire pour que les grandes familles de ce pays s'intéressassent à la prospérité de ce nouvel établissement»<sup>26</sup>.

Os «livros 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup>» traduzem, de resto, a situação precária do mosteiro, do ponto de vista material, pelas escassez de recursos económicos<sup>27</sup> - apesar de uma alegada protecção real - e desinteresse das elites, cujos membros, apesar de um envolvimento inicial, que efectivamente contribuiu para a fundação, não ingressavam na Visitação. Aprovável «concorrência» de outras ordens, mais prestigiadas, talvez porque mais ligadas à corte, como o Convento da Conceição e o recém fundado do Sagrado Coração de Jesus de directa responsabilidade real, poderá, eventualmente, contribuir para explicar que a congregação de de Francisco de Sales e Joana de Chantal não suscitasse a apetência de donzelas nobres. Por outro lado, a vocação das visitandinas - o ensino de meninas nobres -, que configurava um dos objectivos claramente consignado no alvará que legitimava a instituição, parece não ter conciliado o interesse da nobreza portuguesa que, mais tarde, acabou por deixar que algumas das suas filhas aí entrassem para serem alunas, mas não para serem religiosas.

#### 4. Um programa pedagógico: ler, escrever, contar e bordar.

O «Livro 5<sup>o</sup>» da «Historia da Visitação», transcrito em apêndice documental a esta breve introdução à história das visitandinas em Portugal, ocupa-se justamente da área pedagógica e intitula-se «Do seminário das meninas. Pensionado.». Expõe o primeiro programa completo de educação feminina, em termos de aplicação prática, de que temos notícia em ambiente conventual. Organizado em temas independentes - «Da Educação», «Do Vestido e do Toucado», «Dos Castigos», «Da sua Modéstia e Gravidade», «Do seu Fervor e Devoção», «Da disposição para aprenderem», «Da primeira comunhão que fazem as Meninas na Visitação», «De S. José do Seminário», «Da protecção do Anjo da Guarda», «Da Protecção de S. Francisco de Sales» -, esta parte do manuscrito configura uma brevíssima «Ratio studiorum», em que as considerações expressas se explanam pelas disciplinas ensinadas e pelas estratégias pedagógicas, reservando uma parte substancial para as cerimónias relativas à primeira comunhão.

A primeira parte deste «Livro 5» equaciona as questões relativas à «educação» que, neste caso particular, se prendem essencialmente a planos de aprendizagem. O estádio inicial consistiria em aprender a ler, escrever, contar e «a Religião». Depois, a «Grammatica Portugueza» que antecedia

<sup>26</sup> Marie-Ange DUVIGNACQ-GLESSGEN, *U Ordre de la Visitation à Paris*, pp.74-130.

<sup>27</sup> Marquis de BOMBELLES, *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal 1786-1788*, Paris, PUF, 1979, p.56. Não deixa de ser curiosos confrontar estas e outras apreciações de Bombelles com o relato do casamento da sua filha, Henriette Victoire, aluna de Saint Cyr (Marie CUIROT, «Henriette Victoire de Bombelles: une jeune filie de Saint-Cyr se mane au siècle des Lumières (1773-1775)», *Histoire, Economie et Société*, 21e année, n°2e trimestre (2002), pp. 161-172.

<sup>28</sup> T. de Almeida refere, pontualmente, problemas cujo teor pode deduzir-se da passagem seguinte: «Neste tempo [em 14 de Março de 1789], ja o pequeno fundo destinado para as obras do convento estava quasi extincto [...] porem quando menos se esparava, acodio a Providencia com socorro considerável. Huma enfermidade arrebatada accometteo o arcebispo de Tessalonica, Confessor da Rainha, e primeiro Protector da vizitação, e á hora da morte lhes mandou entregar huma caixa preciosa, que havia recebido de prezente de certa Corte Estrangeira: foi avaliado em dez mil cruzados que se applicarão para as obras». Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, tomo II, «Apêndice Documental», p. 196.

a francesa, a italiana, a latina e a inglesa, no percurso de ensino destas línguas. O francês deverá ter tido, seguramente, um peso maior que o dos outros idiomas, com excepção do português, pois que se tratava da língua mãe das fundadoras e o próprio texto regista que mesmo as alunas mais novas, que não o aprendiam ainda nas aulas, acabavam por adquirir alguma competência linguística, apenas por estarem imersas num ambiente em que se falava francês. De resto, o domínio deste idioma facultava a distinção entre as três classes criadas para «causar emulação e premiar o adiantamento nos estudos»<sup>28</sup>: à primeira pertenciam as meninas que falassem «francamente» e soubessem bordar bem. No cenário definido por Teodoro de Almeida, de resto um experimentadíssimo professor de «Filosofia Moderna», o percurso traçado, na aprendizagem das línguas, revela-se rigoroso e preciso. As alunas começariam pelo estudo da gramática portuguesa, cujo conhecimento facilitaria o acesso a outros idiomas. Passariam em seguida ao francês e «estando correntes», porque eram «obrigadas a fallar continuamente», acediam ao italiano e depois ao latim. Só as que expressamente o desejassem aprendiam inglês, asserção que deixa supor tratar-se do aproveitamento da existência de duas irmãs irlandesas, susceptíveis de leccionarem a língua em causa. O programa comportava ainda o estudo da Geografia, de alguma história Sagrada, Cravo e Solfa, o ensino da costura, da renda e do bordado de branco «e de oiro e matizes».

O estudo de um leque de línguas vulgares constituído pelo francês, italiano e inglês - que Teodoro de Almeida considerava um segundo patamar de aprendizagem, logo depois das primeiras letras - não surpreende, na medida em que os escassos exemplos documentados de saberes femininos nestas áreas e para estes grupos sociais, em Portugal, a partir, essencialmente, da década de cinquenta, corresponde na globalidade a este padrão de conhecimento<sup>29</sup>. Aliás, os estudos sobre os programas pedagógicos das visitandinas em geral revelam que o modelo original, numa ordem que não tinha nascido com tais objectivos, se aplicava com alguma elasticidade. No seio da comunidade de Aurillac, por exemplo, as meninas aprendiam «le latin, Farithmétique et le chant»<sup>30</sup>.

Tal núcleo programático orientava-se para dois campos diversos: o do desenvolvimento intelectual propriamente dito, investindo na competência linguística, na geografia e na música e o da habilidade manual, traduzida na confecção de rendas e bordados, como formas úteis de ocupar o tempo livre sem cair na ociosidade.

Pelo que ao texto português diz respeito, Teodoro de Almeida confere-lhe uma particular dimensão pragmática, no sentido em que não se prende a considerações de natureza teórica, provavelmente também porque lidava com um programa já experimentado que, embora com outros contornos, já conhecia pelo contacto com as visitandinas de Bayonne e Annecy. Em todo o caso, e tal como parece comum aos diferentes pensionados, deve ter procedido a adaptações, circunstância que o faz enfileirar com, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, para os «meninos nobres»<sup>31</sup>, e Verney<sup>32</sup> e Ribeiro Sanches<sup>33</sup>, para as considerações sobre a vertente feminina - cada um no seu tempo particular e de modo também específico - no limitado conjunto de autores que, em Portugal, no século XVIII, se preocuparam com a discussão e elaboração de programas pedagógicos. Aliás, pelo que respeitava às meninas, estes programas mais não faziam que revalorizar as propostas humanistas, reproduzidas, de algum modo, nos modelos formulados por Fénelon ou Rollin, que em muito inspiraram os quadros pedagógicos das Luzes declinados no feminino, sobretudo em Portugal.

O programa ministrado às pensionistas da Visitação privilegiava um padrão de sociabilidade que ia de encontro à voga de assembleias e salões, enfatizando a competência nas línguas vulgares

<sup>28</sup> *Historia da Vizitação* in Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, tomo II, «Apêndice Documental», p.210.

<sup>29</sup> Zulmira C. SANTOS, «Percurso e formas de leitura 'feminina' na segunda metade do século XVIII» in *Revista da Faculdade de Letras, Série de Línguas e literaturas, II Série, Vol XIX, (2002)*, pp. 71-110.

<sup>30</sup> Philippe SARRET, «La vie interne d'une communauté: les visitandines d'Aurillac», p.165. Marie-Ange DUVIGNACQ-GLESSGEN, *U Ordre de la Visitation à Paris*, pp.240-244.

<sup>31</sup> Martinho de Mendonça de Pina e PROENÇA, *Apontamentos para a educação de hum menino nobre que para seu uso particular fazia*, Lisboa Occidental, Na officina de Joseph António da Sylva, 1734 (ed. de Joaquim Ferreira Gomes in *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1964).

<sup>32</sup> Luísa António VERNEY, *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), ed. de António Salgado Júnior, Lisboa, Sá da Costa, 1952.

<sup>33</sup> A. Nunes Ribeiro SANCHES, *Cartas sobre a educação da mocidade* (Colónia, 1760), ed. de M. Correia in *Obras*, vol. I, Coimbra, Por Ordem da Universidade de Coimbra, 1959, pp. 201-366.

e na música. Mas tentava desenvolver, bastante salesianamente, através destas jovens que, pelo menos em teoria, deveriam ser aristocratas, modelos de comportamento devoto que não esqueciam a capacidade de brilhar nos círculos de corte, evidenciando a capacidade de perfeição em qualquer estado e fazendo das cortes modelos a imitar. O itinerário pedagógico da Visitação portuguesa configurava na globalidade um modelo de educação religiosa - nem poderia ser de outra forma - que comportava a abertura a alguns saberes reputados como essenciais para as donzelas nobres, orientando-se simultaneamente para um paradigma de dama de corte que não ignorava as línguas ou as actividades artísticas que cimentavam a sociabilidade, mas as enquadravam numa abrangente matriz devota como padrão de conduta.

O programa proposto dedicava-se ainda a determinar o uniforme usado pelas pensionistas, explicando como o uso de uma fita carmesim com um laço, mais larga ou mais estreita, pretendia traduzir o estado de adiantamento nos estudos, criando emulação entre as jovens. No entanto, o texto dedica bem mais espaço a examinar os castigos, excluindo os corporais, porque eram meninas «nobres e se crião com ânimos nobres», sublinhando a atenção que haveria que prestar a todas as questões relativas ao comportamento e conduta em público. Sempre que necessário, as mais pequenas eram privadas de brincar ou obrigadas a ir para a cama imediatamente a seguir ao jantar. As mais velhas impediam-se a comunhão em «algum dia grande, ou dia de alguma devoção que se concede ás outras». G texto revela um claro investimento na dimensão afectiva, terna — que não surpreende, bem pelo contrário, no contexto da Visitação - realçando o autor que as repreensões «galantes e suaves» se afiguravam as mais eficazes no percurso visando um comportamento modelar.

O ponto particular reservado à «Modéstia e Gravidade» desenvolvia, essencialmente, uma espécie de gestão do corpo em cerimónias públicas, comum aos diferentes tratados de civilidade que percorriam o século, insistindo na obrigação de manter um rosto «natural e alegre», olhos «nem abertos com dessorção nem baixos com assustação», postura direita e suave, não tratar as companheiras por tu, não beber água sem licença, não dar nada «a alguma de suas companheiras sem consultar a Mestra, nem troca peça alguma de seu uzo sem licença»<sup>34</sup>.

No desenvolvimento da dimensão mais propriamente religiosa, presente no artigo referente ao «Fervor e Devoção» e «Da primeira comunhão que fazem as meninas na Visitação», T. de Almeida surge, uma vez mais, como director espiritual modelar, insistindo nas linhas de uma espiritualidade terna e afectiva que, aliás, lhe foi atraindo muitas críticas e censuras provenientes sobretudo de sectores presos a uma piedade mais «regulada»<sup>35</sup>. Em todo o caso, o aspecto a que o texto reserva mais espaço e atenção reside na cerimónia da primeira comunhão, evidenciando a importância e centralidade que T. de Almeida lhe atribuía. Desde as roupas até às palavras, tudo se preserva, como se se quisesse fixar um cerimonial típico da Ordem. No final deste «Livro 5<sup>o</sup>», numa espécie de epílogo que termina a «Historia da Visitação», o autor agradece a S. Francisco de Sales, relatando o prodígio de três curas devidas à sua intercessão, pela particular protecção à Visitação de Lisboa, como se a presença do santo, em Portugal, se tornasse mais visível e evidente, pela existência efectiva das suas mais directas discípulas.

A «Historia da Visitação», cujo «Livro 5<sup>o</sup>» brevemente procurei comentar, revela-se um documento importante, não apenas no conjunto da obra de T. de Almeida, mas também como preciosa e indispensável fonte para estudar os primórdios das visitandinas em Portugal. A qualidade inegável de ser da mão do oratoriano valoriza-o como repositório de informações, ainda que, naturalmente, os dados obtidos se devam cruzar com as fontes arquivísticas disponíveis que são, todavia, muitas vezes fundamentais do ponto de vista de rendas ou dotes, mas demasiado lacónicas face às vocações, às condições de ingresso ou à vida quotidiana no interior das instituições. Desse ponto de vista, e correndo o risco da interpretação individual, haverá que valorizar testemunhos que, como o de Almeida, revelam, pela própria legitimação providencialista, aspectos da vida religiosa e tendências de espiritualidade que conviveram, frequentemente de forma conflituosa, com algumas das dimensões mais «ilustradas» ao longo do nosso século XVIII.

<sup>34</sup> V. *Historia da Visitação* in Zulmira C. SANTOS, *Literatura e Espiritualidade*, tomo II, «Apêndice Documental», p.210.

<sup>35</sup> Entre outros, o de Frei Alexandre da Sagrada Família, seu amigo, que considerava a regra da Visitação demasiado «benigna», «macia» e «terna» («Crítica da Historia do Convento», pp. 282-283).

## Apêndice documental \*

## Livro 5

## Do Seminário das meninas. Pensionado.

Não he razão que dando nós huma noticia exacta e miúda desta fundação, deixemos de com mais individuações de huma parte delia que tem concorrido muito para a boa aceitação deste Mosteiro, como temos dito, e agora veremos.

Principiou o Pensionado no dia de Santa Ana do anno de 1784: pregou o superior dos Barbadinhos Italianos, chamado o P. Fr. Adriano, homem grande em todo o género, que nos deixou pela sua morte na idade de 37 annos, huma bem grande saudade, igual ao seu merecimento.

Entrarão nesse dia 5 Meninas: D. Maria do Carmo e Aguiar que hoje se acha Professora: Mademoiselle Dufour que hoje se acha em França na companhia de sua Irmã, e as três Irmãs Silveiras: que ainda hoje persistem com muito adiantamento e satisfação de seus Pais. Depois disto forão entrando varias Meninas nobres e algumas Illustres que fazem numero de 41. Mas como não he possivel hir dizendo de cada huma o que nella há que louvar ou que admirar; hiremos discorrendo por vários artigos em geral, dizendo então se há algum cazo particular, cuja narração interese.

## IP

## Da Educação

Como já o numero de meninas he bastante, ja se pode ver qual he a sua educação. Ensinão-lhes a ler, escrever, contar e a Religião. Alem disso se lhes ensina a Gramática Portuguesa, a qual lhes serve de muito, e de porta para as Gramáticas Franceza, Italiana, Latina, Ingleza, por que todas estas Linguas se lhes ensinão por principio, se as querem aprender: também se lhes ensina a cozer, meia, renda e bordar de branco e de oiro e matizes: e ultimamente solfa Cravo e Geografia.

Mas o que mais admira nestas Meninas, ainda nas de mui pequena idade; he a gravidade e modéstia em todos os actos públicos, fazendo-se objecto da admiração de todos.

## Do Vestido e Toucado

Todas trazem de semana os seus vestidos de lã ou chita como pede a estação do tempo e da cor que mais lhes agrada; por quanto o uniforme he só para o Coro e Actos de Cerimonia.

O uniforme porem he deste modo: hum vestido preto de lã com a sua Cauda; os canhoens de tafetá carmezim, como também a fita do cabelo e outra que cahe sobre o lenço do pescoço para suspender a cruz de prata própria da Vizitação: duas argolinhas de oiro nas orelhas e huma fitinha preta no pescoço, vental de cambraia e véo de cambraia na cabeça.

Para cauzar emulação e premiar o adiantamento nos estudos, dividem as Meninas em 3 classes: a primeira, he daquellas que estão mais adiantadas, e que falão francamente o francez e sabem bordar bem; e se applicão à Muzica Geografia, etc. Tem por distinctivo no braço esquerdo sobre o uniforme huma fita larga carmezim com o seu laço: as da segunda ordem em que estão as menos adiantadas, tem por divizas huma fitinha estreita também carmezim e com o laço no braço esquerdo. Mas a terceira, que he das principiantes não tem esta distincção.

## Dos Castigos

Como estas Meninas são nobres, e se crião com ânimos nobres, não ha castigo nenhum corporal para seus crimes; e todos são de mortificar o gosto ou as paixoes: os mais fortes são de privalias

---

\* Transcrevi integralmente o «Livro 5», com excepção dos pontos intitulados «Da primeira comunhão que fazem as Meninas da Vizitação», «De S. José do Seminário», «Da Protecção do Anjo da Guarda», «Da protecção de S. Francisco de Sales».

de brincarem com as outras nos dias de suêto. Isto he se falamos das mais pequenas.

Outro castigo mais ligeiro he faze-las deitar na cama, logo que acabão de ceiar, privando-as daquella hora de recreio com as suas companheiras de que ellas fazem muito cazo.

Para as maiores o castigo mais sensível he privalas da santa comunhão em algum dia grande, ou dia de alguma devoção em que se concede ás outras. Aqui contaremos alguns desses castigos e os seus bons efeitos.

Em huma quarta feira da quaresma veio falar com o Padre Almeida huma sua confessada que ainda não tinha doze annos: Vinha choroza, e perguntando-lhe o seu confessor a cauza disse com lagrimas, que a sua Mestra Mme Lourenço lhe dera licença para se confeçar, mas não para comungar: e perguntando-lhe o motivo, respondeo que tinham feito queixa delia á sua Mestra de que não estava no coro com a decência devida; e replicando a perguntar o confessor, se isso era assim respondeo, que a consciência não a accusava. Então o Padre a consolou, e depois, de a confessar a alertou a que soffresse com paciência aquelle imputado crime em memória dos que imputarão ao Sr. Jesus na sua Paixão. Recebeo o conselho, lamentando-se que havia tanto tempo que não comungava (tinha comungado no domingo precedente) e apresentando-se á sua Mestra, lhe disse que o Padre Almeida a confessara; mas que quanto á Comunhão deixara isso á disposição da sua Mestra; ella então lhe declarou o crime, e disse assim: nem menos de 3 Religiozas me tem dito, que vós no coro estais com inquietação, ora tirando o lenço, ora metendo-o na algibeira: ora abrindo o livro, ora fechando-o; e que muitas vezes ledes pelo índice do livro, e em lugar de vos occupardes com as oraçoens; e não he este o modo estar na presença do Senhor; á manhã não commungareis: commungareis Domingo. A humildade e a emenda foram conhecidos prémios desta submissão.

Esta mesma Menina teve hum ameaço das mesmas penitencias que peoduzio hum grande effeito. Foi o cazo. Pouco menos de seis mezes havia que esta Menina timha entrado, e tendo sido criada com muito mimo, e não tinha instrução alguma quando viera. Seu Pai hindo vizitala, se informou de como hia sua filha; e lhe responderão, que se hia de zembarrando bem no francêz: achou que era pouco o adiantamento para quazi seis mezes; e não obstante o dizer-se que tinha aprendido a ler muito bem e a escrever com aceio, a contar, e a sua Religião, a cozer, e a bordar, tudo isto achava pouco por tantos mezes (que tanto cega muitas vezes o animo, amor dos Pais, que chega a persuadi-los que gerarão Anjos, e não creaturas humanas, cuja herança e dote primitivo he a *Ignorância*) sobre veio neste tempo a Me Mestra, e respondeo á queixa do Pai, que se a filha não falava o Francêz era por acanhamento e entendia tudo quanto elles estavam falando.

Acabada a vizita foi esta menina chamada pella Me Mestra, a qual lhe disse Vós Menina fostes testemunha do dissabor que tive com o vosso Pai por não falardes Francêz. Vós o sabeis e por acanhamento o não quereis falar: eu vos protesto que nem mais huma palavra vos direi nesta matéria; fazei o que quizerdes: mas seguro-vos que se daqui até dia da Conceição vos ouvir huma so palavra em Portuguez, não haveis de comungar em dia da Conceição. Pronunciada a sentença se retirou a Me Mestra e a menina tomou a resolução de nunca mais falar senão em Francêz, fosse como fosse. Sete dias depois voltou o pai (que ignorava o que se tinha passado) e Procurou sua filha; entrou ella no Locutório falando espontaneamente em Francêz ao Pai, que ficou admirado; foi respondendo em Francêz e a conversação se continuou: tentou-a o Pai falando em Portuguez mas a filha tremendo o formidável raio da penitencia foi sempre respondendo em Francêz; e teve a consolação de comungar no dia da Conceição da Senhora prêmio bem estimado por ella do seu grande trabalho, e obediência.

Outro castigo mais forte se deu a huma Menina poe haver dito certa mentira, que veio aos ouvidos de sua Mestra: perguntou-lhe ella diante de algumas pessoas pelo objecto da mentira; e á Menina a sustentou não querendo confessar o seu crime em publico. A Me Mestra que estava bem informada, foi argumentando, e apertando, e em fim à Menina houve de ceder, e confessar com lagrimas que havia mentido. E como assim (replicou a Me Mestra) vos atreveis-vos a dizer huma mentira, e a sustenta-la! E isto sendo vós das Meninas que já comungão! Nõa cuidei que Vós fosseis capaz de semelhante crime: lançou-se-lhe a menina aos pés a pedir perdão, e a sua Mestra respondeo compassiva e severa: eu de boa vontade vos perdoarei, porque também dezejo que Deos me perdoe a mim; mas he preciso que primeiro Deos vos perdoe, e que a vós perdoem as vossas companheiras, que todas estão escandalizadas; hide ao Pensionado pedir perdão ás vossas companheiras; o que ella eze cutou com pontualidade; e vindo a dar contas do que feito havia, para conseguir o

perdão da M.e Mestra, lhe pediu que lhe ensinasse alguma penitencia oportuna para que Deos lhe perdoasse: então a Me Mestra considerando hum pouco lhe disse: eu creio que vós não estais hoje capaz de entrar no coro: e assim quando as vossas companheiras entrarem a fazer a sua Oração costumada, vós ficareis à porta pedindo a Deos perdão.

Assim se ezeoutou, e a hora costumada entrando todas, segundo a sua Ordem, a Menina criminoza ficou de joelhos fora da porta, lavada em lagrimas, e sumindo-se pello chão em certo modo, pela confusão e arrependimento em que estava; acompanhando-a com lágrimas de ternura todas as pessoas que a vião. Acabado o tempo da Oração foi abraçada pella Mestra e companheiras que ficarão muito mais edificadas da sua humildade, do que havião sido excandalizadas da sua mentira.

Não he razão que passemos em silencioso outra ameaça de castigo, que por graça se fez, e foi motivo de grande divertimento, e prova de candura e de innocencia de huma Menina. Tinha ella pouco mais de quatro annos de idade, estava alli por recomendação de Sua Magestade pois em trez semanas esta menina e mais duas Irmans havião perdido Pai e mai, ficando todas trez em pouca idade.

A Me Assistente que então era a Me Ferrée, achando-se no regaço com algumas amêndoas, deo o seu quinhão a algumas menianas, que a roda delia estavão, e coube a sua porsão a D. Maria Benedicta de Vasconcellos de quem falíamos: como era muito viva, em certo movimento que fez a Me Assistente, lhe furtou trez amêndoas: foi percebida e a Me Assistente com ar série lhe disse Minha Menina vós não sabeis que he lei em Portugal, que quem furta he enforcado, vós furtastes amêndoas, tende paciência, que vos hei-de matar: tenho bem pena porque sou vossa amiga mas não ha remédio; haveis de ser enforcada: hidevos despedir da vossa May; Pontualmente a innocente se foi despedir da Me superiora, do qual nada sabia, mas ouvindo a relação do crime e a sua sentença, respondeo que sentia muito aquella desgraça; mas que ella não podia hir contra as leis do Reino; abraçou-a mito, reprimindo com dificuldade o rizo.

Com esta tácita permissão da superiora se foi a Criminoza apresentar á Me Assistente, a qual mandou também despedir de sua Mestra: continuou esta o engano começado, e com lamentação fingida abraçou a sua discipula, significando-lhe o grande sentimento de tamanha desgraça. Já com este segundo passaporte para a morte merecida representou D. Maria Benedicta a Me assistente. Bem custava a esta sustentar o papel nesta tragédia; e lhe ocorreo perguntarlhe se se tinha despedido de sua Tia: *Mas ella não está cá hoje* (respondeo a criminoza), e a Me Assistente abafando o rizo com hum enfado de admiração, lhe disse: *Pois menina que dirá vossa Tia se vier cá e eu vos tiver morta sem vos despedirdes delia? Esperemos que ella venha para vos despedirdes e então eu vos matarei*: com gosto acceitou a suspenção da morte: Mas a este momento sentirão rodar huma carruagem, e a pequena foi voando a ver se era a tia, e veio alvoroçada dizendo em altas vozes: *Não he minha tia: não he minha tia*, e ficou diferida a sentença por alguns dias.

Nestes succedeo que a Rainha fosse vizitar as Religiozas, e a Menina insinuando se por entre as Religiozas foi com todo o desembaraço contar á Rainha que a Me assistente a queria enforcar por que ella tinha furtado trez amêndoas.

A rainha se informou do cazo e houve por bem dizer, que não dava licença para que a enforcassem. Então triunfante a Menina passava diante da Me Assistente, e lhe disse mui ufana *Não hade matar, não hade matar*, celebrando a Rainha, e as Pessoas Reais a intentada Tragédia da Innocente.

Em outra occasião percebeu a Me Mestra que certa Menina estava no coro com inquietação . voltandoa cabeça para olhar para outras: observando isto, se levanta, pega nella em pezo, e a pôs de joelhos voltada para a porta do coro dizendo: *vede minha menina á vossa vontade o que quereis ver; não vos estejais mortificando em olhar para traz estando voltada para diante*. Julgue-se qual seria a confusão da criminoza, e qual a cautella das companheiras.

Com este ar de amizade as Religiosas todas concorrião para as fazer mui atentas a tudo o que era devoção: succdeo que huma pequenina não estava mui quieta no tempo da Missa, revistando com os olhos o que lhe ficava ao lado. Vio isto certa Religiosa que por galantaria a tinha lizongeadado com o titulo de sobrinha, e pontualmente a apeou desta dignidade, e desconheceo deste parentesco: ficarão as companheiras escarmentadas daquelle castigo, e estando na grade com o Padre Almeida lhe disserão que aquella Menina já não tinhão Ia ninguém que a quizesse e lhe contarão o motivo: sobreveio neste tempo a Religioza Fundadora, noutro tempo fora sua Tia, e o Padre almeida intercedeo por ella: estava então a piquinina bem junto da Religioza a qual lançandolhe o braço

pello pescoço e chegando-a muito a si, desmentio com as pappalavras o que fazia com as aççoens: *nada nada* (dizia) *eu não quero sobrinhas que em ves de attender a Nosso Senhor estão olhando para as ilhargas no tempo da missa: nunca eu quererei ter sobrinhas semelhantes.* Estas galantes reprehensoens fazia naquellas innocentes efeitos maravilhozos.

#### Da sua Modéstia e Gravidade

Esta circumstancia he a das mais plauziveis na educação das Meninas. Quando no coro apparecem para laguma função publica, lavão os olhos a todas e fazem hum corpo tão grave, tão modesto, tão engraçado, que não se fartam os assistentes de olhar para as meninas, e de gabalas: cada huma delias parece huma senhora mui respeitável, que tal he a sua postura direita, modesta e suave. Quando as mais pequenas de 4 e 3 annos ou menos vem atrazar alguma Ordem da Mestra, as que estão com as tochas ou em algum emprego, sã hum objecto digno de agradável rizo, por que de quando em quando fazem as suas mezuras com tal gravidade, como farião humas senhoras da corte nos ezercicios do Paço. Nenhuma volta a cabeça: nenhuma d<sup>A</sup> a movimento ao corpo que não seja com muita gravidade. O seo uniforme dá nos olhos: porque quarenta Meninas com os seus vestidos justos, pretos, e suas caudas racionais, seos lenços no pescoço cruzados ante o peito e aventaes mui asseados: huma fita carmezim larga ao pescoço donde pende a cruz de prata própria da Vizitação, outra fita carmezim no cabello, que se via atravez do veo de cambraia, que lhes cobre as cabeças; e isto com o rosto natural de alegre, olhos nem abertos com dessolução, nem baixos com assustação tudo isto faz hum painel vivo, porem mudo, que consola o animo e recreia os olhos.

Nenhuma trata as suas companheiras por tu, nem abuza para faltar á cortezia da convivência perpetua. As mais nobres, e as Illustres se distinguem na civilidade, e na humildade, e quando lhes escapa alguma tal, ou qual palavra de menor urbanidade se cultivão ao mesmo tempo: como sempre falão em Francez o tratamento de *vos* he geral entre todas, o que evita as enfedonhas contendas de tratamento que traz a desigualdade do Nascimento.

#### Do Fervor e Devoção

Nsta matéria não poderia-mos merecer credito, se não tivéssemos o testemunho do Padre Almeida Director da maior parte das Meninas, e também o testemunho da própria Mestra que tem grande conhecimento de suas almas; o que se comprova pellos factos seguintes.

Quando he chegado o tempo da prezentação em que (segundo a Regra) todas as Religiozas tem dez dias de retiro, para se prepararem para a renovação de votos, muitas Meninas metem empenhos, e pedem com instancia que as deixem ter alguns dias de retiro; o que a sua Mestra concede, ou nega com muita prudência. O Padre Almeida num desses annos passados recomendou à primeira Mestra do pensionado que lhes mandasse á grade grande as Meninas que estivessem admitidas aos ezercicios, para lhes fazer sua axhortação proporcionada: quando este Padre alli foi se achou com quinze Meninas, do que ficou muito edificado; e passando depois ao Confessionário para que quizessem falar-lhe alli, veio huma de quazi doze annos, e dizendo lhe o Padre Almeida que estava mui edificado do fervor das Meninas, esta respondeo com ar mui grave: *As grandes os querem fazer bem deveras; agora nas pequenas he alguma coiza de appetite:* metia-se ahi na conta das grandes. E com efeito todas as Religiozas confessão que muitas lhe servem de grande edificação porque fazem o seo retiro com hum tal fervor, que sendo Religiozas não o fariam melhor.

Aconteceo que Mademoiselle Du Gourq que teria então de idade de nove para dez annos, estava de retiro hum dia, em que succedeo que a Rainha fosse á Vizitação; he costume permittir a soberana ás Mays das Meninas que entrem na clauzura na comitiva Real, para terem e darem consolação as pequenas: entrou Madama du Gourq e achou sua filha no coro imóvel diante do Ssmo, festejou-a e querendo que viesse com ella ver todo o convento como fazião as mais Meninas as suas mays, a pequena lhe respondeo diante do estribeiro Mor, e outros cavalheiros, que havião entrado com a Rainha *se não posso sahir daqui por que estou em ezercicios e estou assistindo ao SSm.* Não forão bastantes os rogos e instancias da may para a balarem, até que hum dos camaristas edificado e compungido do fervor da menina procurou a Me Victoria para que lhe concedesse a licença que a

May tão anciozamente pedia, o que ella fes com prudência.

Huma destas Meninas, quando houve de fazer os seus doze annos, pediu á sua Mestra licença, para se preparar com trez dias de retiro, em os quaes queria fazer huma confissão Geral. Com effeito a fez, e o confessor ficou pasmado da perfeição com que a fizera tal, que seria mui louvável s fosse em alguma pessoa de 40 annos. A penitente fazia varias reflexoens, depois da confissão disse ao confessor: *Ora bem viu V Rma, tem visto o que Deos tem sido para comigo e o que eu tenho sido para com Deos.*

Para que melhor se conheça a abundância da graça com que Deos chamava esta innocente contaremos aqui o modo com que tomou para seo Director o Padre Almeida: tinha este Padre então somente 3 Meninas por dirigidas e outro Padre governava outras, e netre ellas era huma esta Menina de quem faliamos. Succedeo que ouvio dizer á sua Mestra casualmente, que as dirigidas do Padre Almeida erão mais fervorozas; e desde então começou a perseguir a sua Mestra, que lhe dissesse o que ella havia de fazer para ser tão boa como erão as dirigidas do padre Almeida, o que deo grande consolação á sua Mestra: e para dar realce ao que dissemos, he de saber que tinha ella muito apego ao seo Director, como também as do Padre Almeida tinham ao seo; caracter próprio da Nação, de que as fundadoras se admiravão por serem tão tenras as suas idades, de sorte que servio de recreação as Religioza huma grande disputa que houve entre ellas, sobre qual dos dois directores era melhor: cada qual descubria a sua rezão de preferncia para o seo no que se ouvião varias razoens de muita viveza. Sobre todas, quando huima Menina (desfazendo no Director das outras) dizia que o Padre delias tinha o dfeito de ser surdo de hum ouvido, acudio a outra promptamente. *He a melhor couza que elle tem para lhe não sahir por hum ouvido o que lhe tiver entrado pello outro.* Contamos isto para realçar o que vamos a dizer agora: era esta Menina dirigida de outro Padre como dito fica, e apezar do apego que lhe tinha por ouvir dizer que as do Padre Almeida erão mais fervorozas, entrou no pensamento de se mudar para elle: este era objecto de sua oração, das suas Applicas á Mestra, e de muitas novenas que esta lhe mandou fazer por espaço de muitas mezes, em que durou esta pertensão; até que escrupulizando a mestra deo parte ao Padre Almeida. Este a mandou chamar á Grade e lhe disse, que como elle vinha á Vizitação muitas vezes, em que não vinha o seo director, que então a confessaria, e lhe ensinaria o que soubesse para ser santa: mas que lhe parecia mal mudar ella de director: pello menos que elle não se atrevia a comunicar isso ao outro Padre: respondendo a prudente Menine (teria ella então 11 annos) *Isso sempre he ter dois directores: o melhor será dizerlho eu mesma: aprovou o Padre almeida esta rezolução por ser mais própria de hum coração sincero: mas que se admirava de que ella tivesse valor para tanto sabendo muoto bem que isto havia de ser sensível ao seo director pello muito que a estimava ao que respondeo a menina: por Deus tudo se faz. Não tardou a ocazião; e sendo chamada esta Menina pello seo director, ella com animo lhe disse assim. *Eu tenho hum Padre que quer fazer huma pergunta a V R<sup>a</sup>: huma pessoa tem hum director, que tomou por certa razão politica, mas não tem abertura do coração com elle, nem lhe pode dar sem muito custo conta dos seo interior: ao mesmo tempo que o coração se lhe inclina para outro Director, com quem facilmente se abrirá: essa pessoa faz bem em mudar de Director?* Respondeo o Padre Almeida que sim, porquanto sem abertura de coração não podia haver aproveitamento espirital; então se declarou de todo, e obteve a approvação da mudança que intentava, e com muito gosto se veio entregar à direcção do Padre Almeida que louvou a Deos pelo fervor, prudência, e descrição desta innocente, que se tem adiantado muito no caminho do Senhor; e sirva ás mais de modelo e ezemplo, de forma que em quazi trez annos que está na vizitação não consta que Meninas, nem criadas nem Religiozas achem que reprehender nesta menina. A Natureza e a graça á competência a favorecem. Deus a abençoe.*

Devemos aqui dizer a santa emulação, com que as maiores se empenhão em ser santas: a sua Mstra lhes dá em alguns dias especiais, ou tempo mais devoto certos ezercicios, e praticas de virtude, com que se affervorão e he pasmar ver o empenho com que se applicão a este dezafio. Duas Meninas estavam dezafiadas a praticar mortificaçoens dos sentidos, e falando huma delias com o Padre Espiritual, lhe disse com candura em prezença da Companheira. Ella tem feito hoje trez mortificaçoens, mas eu já tenho feito sete.

Huma destas Meninas gostava muito de certa Religioza Fundadora, e querendo mortificar-se, se foi pôr no lugar por onde ella havia de passar, com animo de não levantar os olhos para a ver o que fez pontualmente.

Mui frequentemente pedião Licença á sua Mestar para fazer alguma devoção particular, ou jeju-

ar alguma dia, ou fazer alguma vizita ao Santíssimo, e a fazer alguma mortificação. A sua Mestra tinha estabelecido que para comungar lhe havião de pedir licença três dias antes, em ordem a que nesses dias houvessem de se preparar para tão santo sacramento com os ezeros que ella lhe mandasse: he este hum dos grandes prémios que se lhes concede quando ha merecimento especial, dar-lhe licença para mais uma comunhão.

Nenhuma bebe agua sem licença, nem dá nada a alguma de suas companheiras sem consultar a Mestra, nem troca peça alguma de seu uzo sem licença: quando os parentes dão algum dinheiro à Mestra para algumas bagatellas, que precisassem as Meninas, a Mestre muitas vezes respondia com rara advertência, que desse esse dinheiro ás meninas apenas que tenham (dizia) a consolação de o ter, e vão aprendendo a governa-lo bem; por quanto estou certíssima, que em hum real hade gastar sem me pedir licença.

#### Da Disposição para aprenderem

Não hé somente para a virtude mas também para as artes e toda a Instrução que estas Meninas tem disposição singular de forma que as fundadoras ingenuamente confessão que nunca tinham encontrado Meninas com tanta disposição para aprender, e para a Piedade, como em Lisboa; exceptuando huma ou outra para quem a Natureza tinha sido mais mesquinha. Meninas houve que em tres meses se explicava em Francês muito sufficientemente; e que o pronunciava muito bem. Huma das suas Mestras compoz de propósito para ellas hum resumo da Gramática Portugueza que ellas aprendião com notável facilidade e depois de conhecerem a Organização metódica da lingua materna, lhes ficava mais fácil o conhecer a Organização de qualquer outra lingua porque em todas sempre he a mesma substancialmente; posto que variem nas circunstancias. Deste modo voavão na Gramática Franceza que a aprendião radicalmente e por principios: e estando correntes no Francez que erão obrigadas a fallar continuamente passavão a Gramática Italiana, vencida esta dif ficuldade (se o querião) passavão para a Gramática latina, e Tradução dos Livros; e que dava grande consolação ás que se destinavão para as Religiozas, pella intelligencia que tinham dos salmos e escrituras que Hão e rezavão. A mesma facilidade experimentava a Religioza Ingleza nas que tomava á sua conta, pasmando da facilidade com que lhe escreviam em Inglês as suas tenras discipulas.

A divina Providencia tudo foi dispondo de forma que como dissemos sem Mestre, ou Mestra alguma de fora, tudo podessem aprender com as Religiozas de forma que as obras das Meninas se mostravão pella corte com admiração. Todas escrevião com hum talho de letra muito bom, e engraçado; e escrevião as amis adiantadas suas cartas em Portuguez, Francez e Italiano que fazia gosto a quem as lia; e era este hum objecto dos seos certames em ordem a certos prémios que lhes offercião. Ja se suppoem que eram perfeitas na Costura, e mais prendas femininas. As Mestras da Geografia e de solfa e de Cravo com grande satisfação vião o ardor com que as suas Discipulas se applicavão: sendo o estímulo e a gloria, em Louvores que recebião dos que vião as suas matérias que recebião estes louvores das pessoas Reais. O que mais he para admirar he a facilidade, com que se deixão instruir em qualquer matéria que seja. De ordinário voão na Historia da Bíblia, e nos santos Evangelhos. Menina há, e não he das maiores, que decora cada dia seis evangelhos das Missas sem errar hum ponto.

O Padre Almeida compoz para ellas hum resumo de Geografia local em portuguez e em Francez, que muito lhes facilitou a Intelligência da Geografia, sendo sua Mestra huma Religioza destinada para isso. As que pella sua mui pequena idade não podião aprender o Francez com liçoens regulares; aprendiam por brinco e galanteria, e falavão meramente pello uzo de ouvir fallar as outras.

Quem conhece o génio da Nação não tem estas maravilhas por incriveis em Portugal; porque a experiência mostra a grande viveza do engenho que aqui tem as Meninas, ainda em tenra idade, em quem regularmente a Intelligencia se adianta dos annos. Temos visto nos nossos dias coizas, que se os olhos não fossem testemunhas, lhes não daríamos credito: eu vi huma Menina (antes que houvesse em Lisboa a vizitação) que na idade de cinco annos cantava ao cravo huma ária Italiana bem a compasso: e hum Menino que na idade de dois annos posto no collo de sua may cantava com ella pedaços de outra ária de *Terra delias*, e hum Menino que, de 20 mezes repetia com alma muitos verços que aprendia de côr com suma facilidade. Os Estrangeiros que nunca estiverão em Portugal

terão dificuldade em acreditar estes factos; se bem que em Baiona encontrou o Padre Almeida hum Irmão de certa Religioza da Visitação (Sor Edelim) que antes de ter trinta mezes, respondia lindamente em quatro linguas, Francêz, Hespanhol, Gascão e Bascuense: chamava-se *Lião Edelim*. Tudo contribuia a perfeita educação destas Meninas: a vigilância de seua mestra; e o cuidado, o trabalho, e paciência, e jeito para as ensinar; a Natureza viva; a estimação, que delias fazem pessoas de distinção; e mais que tudo a benção do santo Sales. Por tudo se deve dar gloria a Deus.